

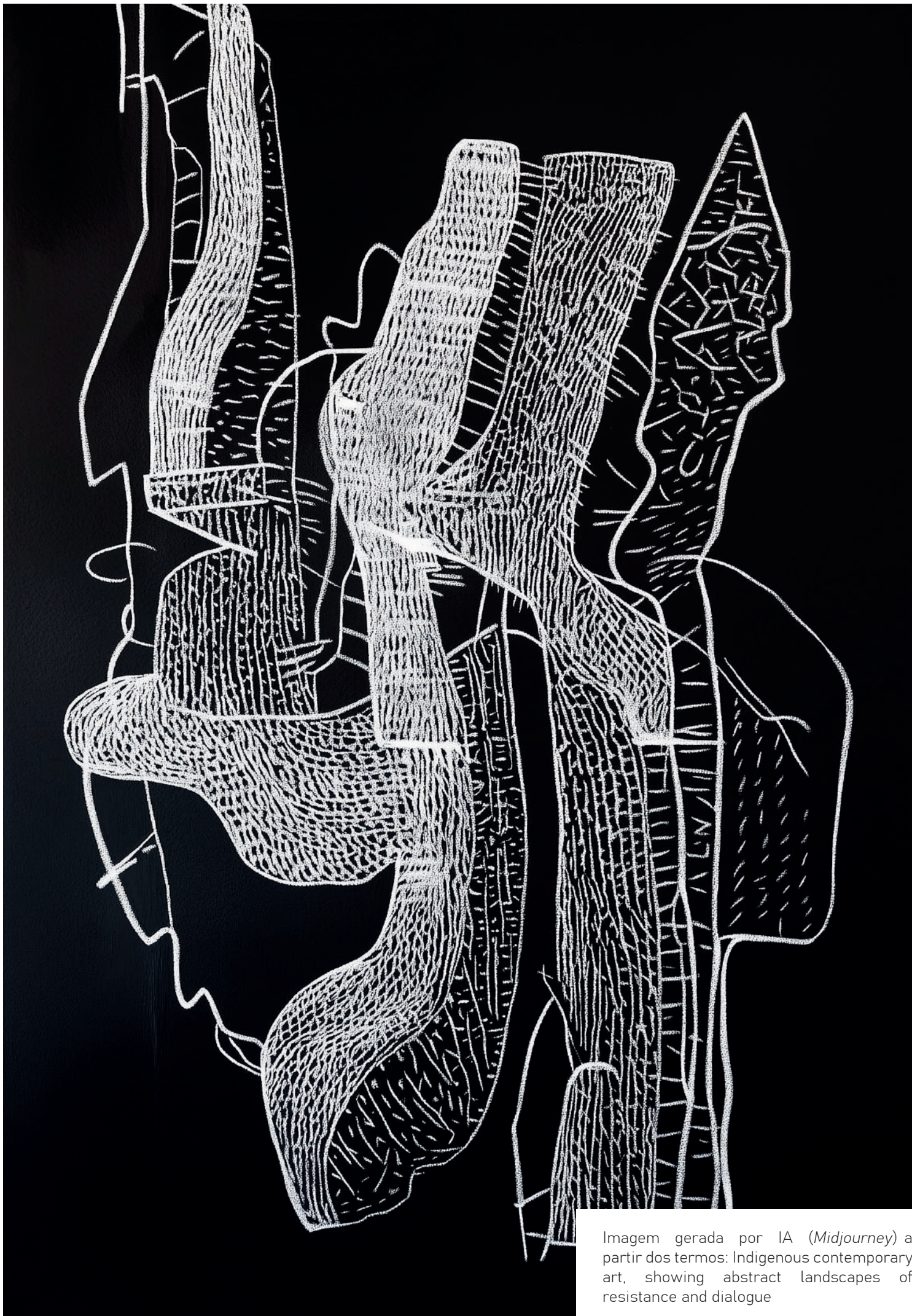


Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Indigenous contemporary art, showing abstract landscapes of resistance and dialogue

O ANTICOLONIALISMO INTERNACIONALISTA DOS SITUACIONISTAS

Erick Quintas Corrêa  0000-0002-4793-3946
Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, SP, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é refutar a ideia de que a Internacional Situacionista foi uma organização insensível à questão colonial e anticolonial. Para este fim, apresenta-se as noções situacionistas de colonização e descolonização da vida cotidiana, em diálogo com a teoria crítica do espetáculo; explora-se aspectos de sua oposição aos princípios nacionalistas e estatistas que orientavam os movimentos de libertação de sua época, a partir de uma defesa do internacionalismo proletário e seu projeto de autogestão generalizada; e destaca-se, por fim, a fundamental contribuição de seus membros não europeus para o desenvolvimento da organização, bem como suas posições perante as lutas de libertação na Argélia, no Congo e na Palestina.

Palavras-chave

Situacionismo, anticolonialismo, internacionalismo.

THE INTERNATIONALIST ANTI-COLONIALISM OF THE SITUATIONISTS

Abstract

This article aims to refute the idea that the Situationist International was an organization insensitive to the colonial and anti-colonial question. To this end, it presents the Situationist notions of colonization and decolonization of everyday life in dialogue with the critical theory of the spectacle; it explores aspects of its opposition to the nationalist and statist principles that guided the liberation movements of his time, based on a defense of proletarian internationalism and its project of generalized self-management; and finally, it highlights the fundamental contribution of its non-European members to the development of the organization, as well as their positions on the liberation struggles in Algeria, Congo and Palestine.

Keywords

Situationism, anti-colonialism, internationalism.

Submetido em: 17/04/2024
Aceito em: 25/06/2024

Como citar: CORRÊA, Erick Quintas.
O anticolonialismo internacionalista
dos situacionistas. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. e52292, jul./dez. 2024.



Este trabalho está licenciado sob
uma licença *Creative Commons*
Attribution 4.0.

Introdução

Em 2022 completaram-se cinquenta anos de dissolução da Internacional Situacionista (IS, 1957-1972). Inseparável do refluxo do movimento revolucionário de maio-junho de 1968 na França, o fim desta pequena, porém influente, organização, foi anunciado através de uma "circular pública", intitulada *A verdadeira cisão na Internacional*, assinada por Guy Debord e Gianfranco Sanguinetti. No decorrer deste meio século, a herança da IS foi reivindicada por diversos indivíduos, grupos informais, organizações e publicações teóricas em diferentes regiões do mundo. O antropólogo David Graeber, por exemplo, constatou há aproximadamente uma década que "o legado situacionista é provavelmente a mais importante influência teórica sobre o anarquismo contemporâneo na América".¹

Entretanto, segundo Graeber, para muitos estudantes engajados em questões "identitárias" (muitos deles foram seus alunos na Universidade de Yale), os situacionistas "não tinham quase nada a dizer sobre racismo e sexismo".² Esta visão é endossada pelo antropólogo, que a reconhece como "uma correção útil para a literatura situacionista ou mesmo clássica marxista, que não tem quase nada a dizer sobre as estruturas de exclusão".³ Nosso objetivo aqui não é discutir a sua interpretação, mas desmistificar esta visão de que os situacionistas ignoravam os problemas ligados às "estruturas de exclusão". Felizmente, nos últimos anos, vimos aparecer pesquisas interessadas em aspectos ainda pouco explorados da história e da teoria situacionista como, por exemplo, sobre gênero⁴ e anticolonialismo.⁵

No texto *A luta de classes na Argélia* (1966), os situacionistas defendiam uma forma de "autogestão radical", que deveria recusar "qualquer hierarquia nela e fora dela", e "rejeitar igualmente, pela sua prática, qualquer separação hierárquica das mulheres (separação escravista altamente admitida pela teoria de Proudhon, como pelo atraso da Argélia islâmica)".⁶ E na ocasião dos motins no gueto negro de Watts (Los Angeles), entre 13 e 16 de outubro de 1965, Debord redige um de seus mais inspirados textos de crítica social, o *Declínio e queda da sociedade espetacular-mercantil*, que será imediatamente traduzido para o inglês e editado em dezembro, antes de circular nos Estados Unidos e na Inglaterra. O texto foi reproduzido no décimo número da revista da IS, de março de 1966, e argumenta em favor da seguinte perspectiva:

Não se trata mais da crise do estatuto dos negros na América, mas sim da crise do estatuto da América, posta primeiramente pelos negros. Não se tratou em Los Angeles de um conflito *racial*: os negros não atacaram os brancos que estavam no seu caminho, mas somente os policiais brancos, e do mesmo modo o sentimento de

¹ Graeber, *Direct Action*, p. 258.

² Graeber, *Direct Action*, p. 525.

³ Graeber, *Direct Action*, p. 525.

⁴ Cf. Baumeister, *Gender and Sexuality in the Situationist International*.

⁵ Cf. Dolto; Moussa, *The Situationists' Anti-colonialism*.

⁶ Internationale Situationniste, *Les luttes des classes en Algérie*, p. 20. Todas as citações da IS referidas neste artigo foram retiradas da edição Fayard (1997) contendo os doze números da revista em sua integralidade. Optamos, no entanto, por fazer referência aos números de página tal como eles aparecem nas edições originais da revista (todavia mantidos na edição integral, que contém, desta forma, uma forma de paginação dupla), hoje facilmente encontradas na internet e mais acessíveis do que o livro impresso.

comunidade negra não foi estendido aos proprietários de lojas e nem mesmo aos motoristas de carro negros. O próprio Luther King teve que admitir que os limites da sua competência tinham sido ultrapassados, declarando em outubro, em Paris, que "estas não eram revoltas de raça, mas de classe".⁷

No que se refere especificamente à dialética colonial-anticolonial, foco analítico deste artigo, os situacionistas desenvolveram uma dupla crítica sociopolítica. Ela desvelava a "crise da vida cotidiana" que, colonizada pelo espetáculo nas metrópoles capitalistas, deveria ser transformada por uma "descolonização total". Ao mesmo tempo, denunciava as ilusões, nas colônias, da ideologia terceiro-mundista e dos princípios militaristas e nacionalistas (portanto, estatais) que orientavam seus principais movimentos independentistas. Tratava-se de criticar, ao mesmo tempo, colonialismo e anticolonialismo, na tentativa de ultrapassar os binarismos ideológicos da época e unificar as lutas de libertação nacional e o internacionalismo proletário.

1. As origens conselhistas do anticolonialismo situacionista

A partir do século XX, a questão das lutas de libertação nacional passa a assumir um papel crescente no movimento comunista internacional. Da Índia à Rússia, passando pela China, as revoluções nacionais assumiram diferentes formas e características, porém sempre assentadas em bases capitalistas. Ao longo da primeira metade do século, socialdemocratas, leninistas e conselhistas possuíam visões distintas sobre o papel da luta de classes, das massas proletárias e dos partidos operários, da aliança com as burguesias locais, nos processos de independência nacional. Os conselhistas holandeses Anton Pannekoek e Herman Gorter demonstravam simpatia pelos movimentos de libertação nacional, porém, a solidariedade ativa de ambos para com as populações em situação de colonização era concebida nos quadros da luta de classes.

Pannekoek tomava o caso da Índia como exemplar da questão colonial, onde uma burguesia autóctone passava a se desenvolver no processo de industrialização que, neste caso, seria, entretanto, bastante limitado: "nas colônias, a autonomia é apanágio exclusivo das classes superiores".⁸ Seu atraso econômico, provocado em parte pela própria dominação colonial e pelo subdesenvolvimento de suas forças produtivas, impedia a formação de uma vigorosa burguesia industrial, onde o proletariado estava longe de ser a classe majoritária. Segundo Gorter, as colônias não gozavam das condições necessárias para se libertarem por si próprias: "pode ser que nações ascendam à independência, mas neste caso a pequena nação se torna alvo de uma luta entre as grandes, ou das pequenas entre si, que procuram se submeter a ela ou anexá-la".⁹

Com a Segunda Guerra Mundial, a questão da exploração colonial ganhou novos contornos. Pannekoek redige sua obra mais importante, *Os conselhos operários* (1946), entre 1941 e 1945, numa Holanda ainda nazificada. O Livro IV, intitulado "A Guerra", foi escrito a partir de 1944, já no contexto de libertação do nazismo, e se reveste de um caráter prognóstico. Para o conselhistas holandês, nenhum processo revolucionário

⁷ Internationale Situationniste, *Le déclin et la chute de l'économie spectaculaire-marchande*, p. 4.

⁸ Pannekoek, *Les conseils ouvriers* apud BRICIANER, *Pannekoek et les conseils ouvriers*, p. 207.

⁹ Gorter, *Les origines du nationalisme dans le prolétariat* apud Bricianer, *Pannekoek et les conseils ouvriers*, p. 204.

acompanharia os processos de descolonização, num contexto onde "a nova classe que dirigia a Rússia considerava, como seus aliados naturais, as futuras classes dominantes de países coloniais e se esforçava para ajudá-las".¹⁰ O internacionalismo de Pannekoek não lhe permitia conceber qualquer solução revolucionária nos limites do quadro nacional, mesmo que esta se revestisse com as cores da bandeira socialista.

Sua perspectiva sobre a questão colonial está situada nas antípodas da solução "terceiro-mundista" que, em voga a partir do final da década de 1950, preconizava que a revolução viria dos chamados "países emergentes", tal como ela se apresenta, por exemplo, nas obras de Régis Debray do final dos anos 1960 e início dos 1970. É neste contexto que os situacionistas restauram a perspectiva internacionalista dos conselhistas germano-holandeses, posicionando-se de modo crítico frente ao "neocolonialismo" como também aos próprios movimentos anticoloniais da época.

A IS foi uma organização composta majoritariamente por indivíduos oriundos da Europa ocidental (sendo apenas dois do leste europeu que, todavia, viviam exilados em países ocidentais como a França) e teve, em suas nove seções internacionais, sessenta e um indivíduos europeus, contra apenas nove não-europeus.¹¹ Contudo, apesar de sua composição étnica, a IS, como o próprio nome indica, não foi apenas uma organização internacional, como também jamais renunciou ao seu internacionalismo – diferente da Terceira Internacional Comunista que, "russificada" pelo partido bolchevique na segunda metade do século XX, servirá de modelo ao "socialismo nacionalista" de vários Estados "pós-coloniais".

2. Colonização e descolonização da vida cotidiana

A crítica situacionista da colonização da vida cotidiana tem origens nas investigações que visavam a uma superação/realização da arte; no contato com a sociologia da vida cotidiana de Henri Lefebvre (Mustapha Khayati, situacionista de origem tunisiana, foi seu aluno na Universidade de Nanterre) e na influência de algumas teses da revista *Socialisme ou Barbarie* (1948-1965). Mas, especialmente, por meio do contato prático com vários indivíduos de origem não europeia que detinham contatos, quando não participavam diretamente, de organizações e movimentos independentistas nos países colonizados – o mesmo Khayati deixará a IS em 1969 para integrar uma dissidência da Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP).

De acordo com Debord, o confinamento da vida social dentro dos limites de um "cotidiano colonizado" pelo espetáculo, interditava (e segue interditando) a possibilidade de uma "libertação da vida cotidiana".¹² A IS não visava, como defendiam outros grupos conselhistas contemporâneos – dissidentes do *Socialisme ou Barbarie*,¹³ como *Pouvoir Ouvrier* e *Informations et Correspondance Ouvrières* –, a uma "autogestão do mundo existente pelas massas, mas à sua transformação ininterrupta". Para os situacionistas, o

¹⁰ Pannekoek, *Les conseils ouvriers* apud Bricianer, *Pannekoek et les conseils ouvriers*, p. 207.

¹¹ Cf. Raspaud; Voyer, *L'International Situationniste*.

¹² Internationale Situationniste, *Perspectives de modifications conscientes dans la vie quotidienne*, pp. 20-27.

¹³ Título da revista teórica que também dava nome ao grupo político, fundado na França, por Claude Lefort e Cornelius Castoriadis, a partir de uma ruptura à esquerda do trotskismo e de uma aproximação com as teses conselhistas de Anton Pannekoek.

que havia de realmente novo no ciclo de lutas da década de 1960, era a sua aspiração, ainda que parcialmente consciente e difusa, a uma “descolonização total da vida cotidiana”. Eles procuraram, assim, desviar o anticolonialismo do quadro nacional de referência para o âmbito das relações sociais cotidianas, cuja colonização total passava a exigir, desde então, uma “crítica pronunciada globalmente contra todas as zonas geográficas onde foram instauradas diversas formas de poderes socioeconômicos separados, e também contra todos os aspectos da vida”.¹⁴

A IS opunha à “linguagem colonizada pela burocracia”, que reflete a divisão da sociedade em “duas categorias principais: a casta de dirigentes e a grande massa de executantes”, um “projeto de libertação das palavras”, que visava a uma “libertação real da linguagem”. Concebia-se, assim, os períodos revolucionários, como sendo aqueles “em que as massas, agindo, acedem à poesia (...) como evidenciam algumas fases das revoluções mexicana, cubana ou congolosa”.¹⁵ Para os situacionistas, portanto, nas lutas de libertação da vida cotidiana, descolonização da cultura e da política, do trabalho e da linguagem devem coincidir.

Ao comentar as lutas no Congo, Debord defendia a “autogestão” como “a única garantia de independência em todos os lugares”, porém, desde que esta fosse “realizada totalmente” e não apenas parcialmente. E, ao comentar a “meia-revolução argelina”, Khayati também apostava numa “ditadura do ‘setor autogerido’” da sociedade que, todavia, deveria ser “estendida à toda a produção e a todos os aspectos da vida social”. Tratava-se, portanto, de unificar os programas, até então separados, de *descolonização total* e de *autogestão generalizada*: “a realização da filosofia, a crítica e a livre reconstrução de todos os valores e condutas impostas pela vida social alienada, eis o programa máximo da autogestão generalizada”.¹⁶

3. Crítica do anticolonialismo nacionalista e da ideologia terceiro-mundista

A crítica situacionista do anticolonialismo nacionalista tem raízes nas tendências antibolcheviques do comunismo de conselhos, uma ala minoritária do movimento comunista internacional que teve lugar na Europa ocidental (sobretudo na Alemanha, Holanda e Inglaterra), durante a primeira metade do século XX. Esta corrente travou uma batalha intransigente contra o processo de “russificação” da Terceira Internacional, liderado por Lênin e a burocracia de Moscou. O conselheiro holandês Anton Pannekoek chamava esta corrente de “comunismo ocidental”, em oposição ao “comunismo oriental”, de matriz sino-soviética. Desta forma, o programa situacionista propunha-se a:

Retomar todo o radicalismo do qual o movimento operário, a poesia moderna e a arte no Ocidente foram os portadores (como prefácio a uma pesquisa experimental sobre o caminho para uma construção livre da vida cotidiana), o pensamento da época da superação da filosofia e sua realização (Hegel, Feuerbach, Marx), as lutas de emancipação desde o México de 1910 até o Congo de hoje.¹⁷

¹⁴ Internationale Situationniste, *Définition minimum des organisations révolutionnaires*, pp. 54-55.

¹⁵ Internationale Situationniste, *All the king's men*, p. 31.

¹⁶ Internationale Situationniste, *Les luttes des classes en Algérie*, p. 19.

¹⁷ Internationale Situationniste, *Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays*, p. 45.

Em suas *Contribuições para corrigir a opinião pública sobre a revolução nos países subdesenvolvidos* (1967), Khayati acusava a "contrarrevolução burocrática", socialdemocrata na Alemanha e bolchevique na Rússia, de ter sido responsável pelo fato de que "os países colonizados ou semi-colonizados tiveram que combater sozinhos o imperialismo".¹⁸ Para Khayati, os novos regimes instaurados nas diversas regiões onde se realizou um processo de libertação nacional, não passavam de "formas pelas quais se opera o retorno do recalcado", no caso, a "mentira" e a "falsa consciência" burocráticas: "por mais radical que seja o radicalismo de suas direções, os movimentos de libertação nacional sempre acabaram na ascensão das sociedades ex-colonizadas à formas modernas do Estado, e a pretensões à modernidade na economia". Assim, as revoluções russa e chinesa forneciam "ao proletariado ocidental e aos povos do Terceiro-mundo um falso modelo que equilibra, na realidade, o poder do capitalismo burguês, o imperialismo".¹⁹

Tanto o maoísmo chinês, quanto o nasserismo egípcio ou o titoísmo iugoslavo, eram vistos pelos situacionistas senão como "ideologias que anunciam o fim destes movimentos", e sua recuperação "pelas camadas urbanas pequeno-burguesas ou militares: a recomposição da sociedade da exploração, mas desta vez com novos senhores e sobre a base de novas estruturas socioeconômicas". Já o fanonismo e o castro-guevarismo exprimiam "a falsa consciência através da qual o campesinato completa a imensa tarefa de livrar a sociedade pré-capitalista de suas sequelas semifeudais e coloniais, e de acessar a dignidade nacional, pisoteada pelos colonos e pelas classes dominantes retrógradas". A ideologia não alterava em nada o fato mesmo da exploração, que prosseguia sob novas formas e condições: "na China, em Cuba, no Egito ou na Argélia, em todos os lugares ela desempenha o mesmo papel e assume as mesmas funções".²⁰

Em 1967, Debord complementa que "a sociedade produtora do espetáculo não domina as regiões subdesenvolvidas apenas pela hegemonia econômica", como "também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução".²¹ Contudo, os situacionistas não deixaram de salientar que havia uma grande diferença entre os movimentos revolucionários do Terceiro-mundo e o bolchevismo russo, na medida em que este último "não sabia qual poder burocrático ele iria instituir", enquanto os primeiros "já puderam ver, no mundo como em casa, o poder burocrático cuja restauração eles querem, mais ou menos purificada".²²

Tais experiências levaram a resultados muito distintos dos proclamados, ao promoverem uma substituição, por vias ditatoriais, das velhas classes dominantes estrangeiras por novas camadas dirigentes, doravante assentadas em bases sociais autóctones. A formação destas novas classes, figuras híbridas de uma "burguesia misturada com burocracia", tendia historicamente à constituição de burguesias locais, que já não mais se caracterizariam "pelo trabalho produtivo, mas pela pilhagem organizada do país". Trata-se de um tipo de "burguesia que não acumula, mas que

¹⁸ Internationale Situationniste, *Contributions servant à rectifier l'opinion du public sur la révolution dans les pays sous-développés*, p. 41.

¹⁹ Internationale Situationniste, *Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays*, p. 45.

²⁰ Internationale Situationniste, *Contributions servant à rectifier l'opinion du public sur la révolution dans les pays sous-développés*, p. 41.

²¹ Debord, *A sociedade do espetáculo*, p. 38.

²² Internationale Situationniste, *Les luttes des classes en Algérie*, p. 18.

dilapida", assemelhando-se a uma "versão subdesenvolvida da burguesia europeia".²³ No Congo, a derrota do movimento lumumbista teria acontecido prioritariamente porque, ao se converter numa camada dirigente, ele "se tornou independente das massas de seu próprio país antes de ser efetivamente independente do estrangeiro".²⁴

A antiga pilhagem colonial dava lugar, assim, ao endividamento dos Estados "pós-coloniais" em relação aos monopólios estrangeiros. Inseridos de maneira subordinada no mercado mundial, tais Estados se converteram rapidamente em nações exportadoras de matérias-primas a preços muito baixos, e importadoras de produtos manufaturados a preços muito altos. Sua inserção subordinada na dinâmica do capitalismo internacional revelava o aspecto ilusório dos processos de "independência" ou "libertação" nacional denunciado pelos situacionistas, em face da realidade sistêmica das relações de produção capitalistas.

A IS defendia uma revolução não apenas em escala internacional, mas, fundamentalmente, exterior aos partidos e à tomada do poder estatal: "o socialismo na África deve ele próprio se reinventar completamente, não porque *é a África*, mas porque ele ainda não existe em lugar nenhum! Além disso, ele não tem que se definir enquanto *socialismo africano*",²⁵ assim como "o movimento de emancipação dos negros norte-americanos desafia todas as contradições do capitalismo moderno; não é preciso que ele seja escamoteado pela distração do nacionalismo e do capitalismo 'de cor' dos 'Black Muslims'".²⁶ Tratava-se, portanto, de lutar por uma revolução que unisse o proletariado dos "três mundos", sem qualquer primazia de um sobre o outro.

4. Descolonização e autogestão na Argélia

Antes de comentar as relações dos situacionistas com as lutas pela libertação da Argélia, lembre-se que um argelino, Mohamed Dahou, desempenhou um importante papel nas origens internacional-letristas da IS. Formada a partir da reunião de letristas de esquerda em ruptura com a tendência artística liderada pelo romeno Isidore Isou, fundador do letrismo,²⁷ a Internacional Letrista (IL) publicou, entre 1954 e 1957, cerca de trinta boletins informativos, dos quais onze foram dirigidos por Dahou (nº 9-18 e 20-22). Além disso, Dahou compunha o "grupo argelino" da organização que, na realidade, nunca contou com mais de duas pessoas.

Debord se aproximou de Dahou em 1953, período em que os membros da IL se reuniam em um bistrô chamado Kabyle, entre outros cafés árabes situados no Quartier Latin, em Paris, onde muitos norte-africanos se encontravam para conspirar pela queda do colonialismo em seus países de origem. Foi em um texto letrista de Dahou, por exemplo, que pela primeira vez apareceu a palavra "psicogeografia",²⁸ descoberta durante derivas noturnas realizadas na capital francesa.

²³ Debord, *Œuvres*, p. 693. Este texto, concluído em julho de 1966, permaneceu inédito até a sua publicação, quarenta anos depois.

²⁴ Debord, *Œuvres*, pp. 694-695.

²⁵ Debord, *Œuvres*, p. 697.

²⁶ Internationale Situationniste, *Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays*, p. 47.

²⁷ Movimento artístico de vanguarda formado pelo poeta romeno Isidore Isou, em 1945, assim quando este chega à França.

²⁸ Dahou, *Le jeu psychogéographique de la semaine*.

Em julho de 1954, no quarto número de *Potlatch* (o "boletim informativo" da IL), Mohamed Dahou, Guy Debord, Michèle Bernstein, André-Frank Conord, Jacques Fillon e Gil Wolman assinam um texto intitulado "O mínimo da vida", no qual advertem aos "operários argelinos" da Renault em greve, que "a luta social não deve ser burocrática, mas apaixonante",²⁹ pois tratava-se, já naquele momento, de estender o movimento de autogestão para além das fábricas e, a partir daí, invadir todos os espaços da metrópole. Por outro lado, em suas "Notas para uma convocatória ao Oriente", publicado no sexto número de *Potlatch*, Dahou afirmava a necessidade, nas colônias, de se "ultrapassar qualquer ideia de nacionalismo":

A África do Norte deve se libertar não somente de uma ocupação estrangeira, mas de seus senhores feudais (...). Nossos irmãos estão além das questões de fronteira e de raça. Certas oposições, como o conflito com o Estado de Israel, só podem ser resolvidas pela revolução nos dois campos. É preciso dizer aos países árabes: nossa causa é comum. Não há Ocidente diante de vocês.³⁰

Além de Dahou, a IS também incorporou à organização o argelino Abdelhafid Khatib para formar outra seção nacional. Apesar de seu tamanho reduzido, a seção argelina da IS desempenhou um papel central na sustentação do internacionalismo situacionista. Em julho de 1965, na ocasião fornecida pelo golpe militar que conduziu Houari Boumédiène³¹ ao poder, Khayati redige, pela seção francesa da IS, um *Comunicado aos revolucionários da Argélia e de todos os países*. Até novembro, este panfleto será editado em cinco línguas (francês, alemão, espanhol, inglês e árabe), enquanto *As lutas de classes na Argélia* repercutirá em território argelino no mês de dezembro, sendo republicado no décimo número da revista da IS, em março de 1966.



Figura 1: Capa do panfleto *Adresse aux révolutionnaires d'Algérie et de tous les pays*, Paris, novembro de 1965. Fonte: Debord, *Les Luites de Classes en Algeri*³²

²⁹ Internationale Lettriste, *Le minimum de la vie*, p. 30.

³⁰ Internationale Lettriste, *Notes pour un appel à L'Orient*, p. 46.

³¹ Houari Boumédiène (1932-1978) foi Chefe das Forças Armadas do Exército de Libertação Nacional, depois Ministro da Defesa de Ben Bella, antes de dar um golpe e assumir a presidência da Argélia, em junho de 1965.

³² Disponível em: <https://www.gonnelli.it/uk/auction-0046-1/debord-guynest-les-luites-de-classes-en-al.asp>

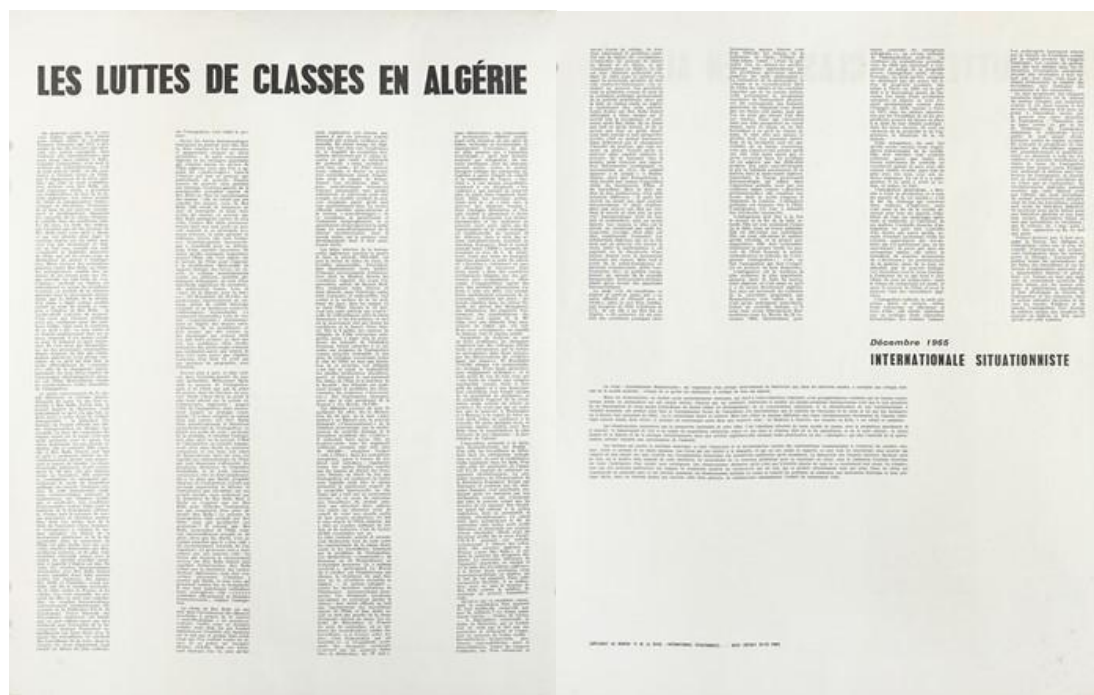


Figura 2: Internationale Situationniste, *Les luttes de classes en Algérie*. Folheto (frente e verso) distribuído na Argélia em dezembro de 1965. Fonte: Debord, *Les Luttes de Classes en Algérie*³³

No texto *As lutas de classes na Argélia*, os situacionistas salientavam que o "novo regime argelino", instaurado após o golpe de 19 de junho de 1965, confirmava a análise que a IS havia feito da situação no *Comunicado aos revolucionários da Argélia e de todos os países* (julho de 1965), onde se afirmava que o objetivo do *putsch* de Boumédiène era, afinal, o de "liquidar a autogestão". Para a IS, Ben Bella³⁴ "caiu da forma como reinou: na solidão e na conspiração, pela revolução palaciana". Uma visão divergente da que o libertário francês Daniel Guérin havia apresentado no texto *Algérie caporalisée?* (1965), no qual Ben Bella era eximido de qualquer responsabilidade sobre o golpe que lhe sucedeu, e que a longo prazo acabaria com as experiências de autogestão no país. Os múltiplos ataques do governo ben-bellista às massas trabalhadoras eram vistos, por Guérin, senão como "erros, fraquezas e lacunas", mas cuja orientação era, no limite, por ele considerada aceitável. Os situacionistas lembravam, então, que o socialista libertário não só conhecia Ben Bella pessoalmente, como havia lhe passado informações privilegiadas sobre as fábricas em autogestão no país, durante um encontro realizado em 1963 e narrado posteriormente pelo próprio Guérin.³⁵

³³ Disponível em: <https://www.gonnelli.it/uk/auction-0046-1/debord-guynest-les-luttes-de-classes-en-al.asp>

³⁴ Ahmed Ben Bella (1916-2012) foi Secretário-geral da Frente de Libertação Nacional (FLN), antes de se tornar o primeiro presidente da República Democrática e Popular da Argélia, entre 1963 e 1965.

³⁵ Internationale Situationniste, *L'Algérie de Daniel Guérin, libertaire*, p. 80. Lembre-se que, em 1960, os situacionistas Debord e Michèle Bernstein assinaram o chamado *Manifesto dos 121* pelo "direito à insubmissão na Guerra da Argélia", redigido por Dionys Mascolo e Maurice Blanchot, e também assinado por Guérin.

5. As lutas anticoloniais no Congo como prenúncio do Maio de 68 francês

No ano de 2015, o artista congolês Joseph M'Belolo Ya M'Piku resgatou a perspectiva situacionista sobre a dialética colonizatória do espetáculo com a seguinte fórmula: "os belgas colonizaram os congoleses, mas o capitalismo havia colonizado os belgas em casa, então eles eram escravos em casa, escravos do mesmo sistema".³⁶ No texto *Condições do movimento revolucionário congolês* (1966), Debord fazia uma consideração em termos muito semelhantes:

Deve-se entender que *os próprios colonizadores foram colonizados*: em suas próprias casas, em suas próprias vidas, com toda esta poderosa atividade das sociedades industriais que a qualquer momento, como uma força inimiga, retorna contra as massas de trabalhadores que a produzem, que nunca a dominam e são sempre dominados por ela. É preciso compreender também que *os libertadores (...) devem ser eles próprios libertados*.³⁷

M'Piku se aproximou de Debord no ano de 1965, junto de seu amigo Ndjangani Lungela. Os dois jovens congoleses, beneficiados pelo fim das restrições coloniais à educação em seu país, realizavam seus estudos em Paris quando estabeleceram contato com os situacionistas. Partidários da guerrilha rural liderada por, entre outros lumumbistas, Pierre Mulele,³⁸ cujo objetivo era restaurar o regime de Patrice Lumumba³⁹ no Congo, M'Piku e Lungela integravam os esforços dos estudantes congoleses radicalizados para anunciar o processo de descolonização, em curso no seu país, para o mundo todo. Assim, enquanto os estudantes mulelistas mantinham Debord informado sobre a situação no Congo, o situacionista francês buscava "transmitir (...) o nível crítico" elaborado pela IS às franjas mais radicalizadas do movimento estudantil congolês.⁴⁰

Entretanto, a análise de Debord, concluída em julho de 1966, não chegará a ser publicada como pretendiam os situacionistas. Apenas Lungela foi integrado, em 1967, formalmente à Internacional, que por sua vez não chegará a formar uma seção nacional congolesa. Ainda assim, a colaboração dos congoleses contribuiu para enriquecer e radicalizar a perspectiva situacionista sobre a questão colonial que, entre 1965 e 1967, ocupará um espaço central na revista *Internationale Situationniste*.

As lutas anticoloniais no Congo também anteciparam o imaginário político radical que, nos anos seguintes, tomou as ruas de vários países desenvolvidos como a França, durante a crise revolucionária de maio-junho de 1968. Debord avaliava, em seu texto de 1966, que "o desejo de mudar a vida foi o lado revolucionário do movimento de independência [congolês] (...) ele considera que a festa, o descanso, o diálogo e o jogo são as principais riquezas da sociedade".⁴¹ Naquele mesmo ano, no mês de novembro, Khayati

³⁶ M'Piku, *Que devient l'avant-garde?*, p. 3.

³⁷ Debord, *Œuvres*, p. 694.

³⁸ Pierre Mulele (1929–1968). Antigo Ministro da Educação do governo de Lumumba, liderou uma guerrilha rural contra o regime de Joseph-Désiré Mobutu, no poder desde o golpe de 1965.

³⁹ Patrice Lumumba (1925–1961) foi Primeiro Ministro do Congo no momento de sua independência em 1960. Foi assassinado no ano seguinte, após o golpe de Estado de Mobutu.

⁴⁰ Debord, *Correspondance*, p. 15.

⁴¹ Debord, *Œuvres*, p. 698.

preluciuva, no mais popular texto situacionista, as formas de luta que o novo movimento revolucionário deveria assumir e que, em maio-junho de 1968, serão postas em prática por suas franjas mais radicais:

As revoluções proletárias serão *festas*, ou não serão nada, pois a vida que anunciam será, ela própria, criada sob o signo da festa. O *jogo* é a última racionalidade dessa festa, viver sem tempo morto e gozar, sem impedimentos, são as únicas regras que ele poderá reconhecer.⁴²

A IS entendia que, ao deslocar a centralidade da crítica do capitalismo para uma crítica do imperialismo, o socialismo nacionalista substituía a análise da luta de classes e dos conflitos sociais por uma análise geopolítica da luta inter-imperialista entre Estados nacionais. Mas a "revolução congoleza", inseparável de uma "revolução africana", era também (e continua sendo) inseparável de uma "revolução mundial", a única capaz de abolir a divisão das sociedades em classes, fundamento de todas as divisões entre raças e nações. De acordo com Debord, "o movimento revolucionário congolês não se situa na história da *negritude*, mas entra na *história universal*. Ele é hoje uma parte do proletariado revolucionário que se erguerá à superfície de todos os países (...) ele deve vingar Lumumba e Liebknecht".⁴³

6. A questão palestina: revolução nos dois campos e dissolução do Estado de Israel

Vimos que Dahou defendia, no ano de 1954, como única solução possível para o conflito com o Estado de Israel na zona árabe, não a criação de mais um Estado nacional, mas uma "revolução nos dois campos". Esta perspectiva será retomada e aprofundada na análise que os situacionistas publicaram, em outubro de 1967, meses após a Guerra dos Seis Dias (ocorrida em junho), no texto "Duas guerras locais", onde concluem que:

A questão palestina é muito séria para ser deixada aos Estados, em outras palavras, aos colonos. Ela toca muito diretamente as duas questões fundamentais da revolução moderna, ou seja, o internacionalismo e o Estado, para que qualquer força existente seja capaz de fornecer uma solução adequada.⁴⁴

O anticolonialismo situacionista preconizava, assim, que apenas um "movimento revolucionário árabe resolutamente internacionalista e anti-estatal" poderia "dissolver o Estado de Israel (...) e todos os Estados árabes existentes". Em outras palavras, nenhuma "Frente de Libertação" militarizada e hierarquicamente conduzida por dirigentes e estrategistas stalinistas, fossem eles de origem árabe, asiática ou sul-americana, poderiam realizar esta grandiosa tarefa histórica de libertação colonial que, na

⁴² Internacional Situacionista, *A miséria no meio estudantil*, p. 59.

⁴³ Debord, *Œuvres*, p. 698. Karl Liebknecht (1871-1919) fundou, em 1916, junto com Rosa Luxemburgo, a Liga Spartacus, uma organização comunista de esquerda. Foi assassinado em 1919, na repressão à insurreição iniciada em novembro de 1918, em Berlim.

⁴⁴ Internationale Situationniste, *Deux guerres locales*.

perspectiva conselhistas dos situacionistas, só poderia ser alcançada "por meio do poder dos Conselhos".⁴⁵

Também foi mencionado que Khayati deixou a IS durante a VIII Conferência da IS, realizada em 1º de outubro de 1969 na cidade de Veneza, partindo em seguida à Jordânia para integrar-se às fileiras da recém-criada Frente Democrática e Popular de Libertação da Palestina (FDPLP), uma dissidência da FPLP – fundada em janeiro de 1967. A FDPLP, criada em fevereiro de 1969 por Nayef Hawatmeh, agregava os quadros mais próximos da teoria marxista no seio da FPLP. A nova organização reivindicava independência em relação às monarquias árabes, criticava a via militar como solução para os conflitos étnicos, políticos e religiosos na região, e centrava suas ações na luta de classes. Por seu envolvimento ativo com as lutas estudantis da metrópole francesa e, ao mesmo tempo, com as lutas anticoloniais na Argélia, Khayati era considerado por Debord um dos mais "inteligentes e eficazes"⁴⁶ membros da IS.

O estimado situacionista tunisiano justificou sua saída da organização alegando que "uma crise revolucionária está se desenvolvendo na zona árabe, onde elementos árabes radicais devem ser encontrados", e que se sentia "obrigado a estar lá".⁴⁷ Também avaliou ser possível regressar à IS caso o movimento de libertação não triunfasse. Com a derrota em vista, Khayati retorna à Europa em agosto de 1970, durante a escalada repressiva do Rei Hussein,⁴⁸ que culminará no chamado "Setembro Negro".⁴⁹ Nesta ocasião ele assina com Lafif Lakhdar um artigo intitulado "Esperando o massacre", publicado no jornal *An Nidhal* – editado por um grupo trotskista de tunisianos residentes em Paris.⁵⁰ A essa altura, a IS já estava em fase de dissolução, e Debord criticou duramente Khayati por sua "desaparição" da organização, alegando que "ao deixá-la, certamente não se aproximou mais da práxis revolucionária".⁵¹

Para Debord, o resultado da breve incursão do ex-situacionista tunisiano na zona árabe não poderia ser outro, na medida em que "a fração proletária da FDPLP, e mesmo a menor expressão de suas perspectivas autônomas, existiam apenas na imaginação bem-intencionada de Khayati". Ele alegava não ser possível ignorar o fato de que "todas as organizações palestianas estavam armadas", constituindo "embrionários aparatos pseudo-estatais". Além disso, Debord considerava "perfeitamente óbvio que Hussein as destruiria", pois seu exército era "o mais sólido e o mais fiel de todos os países árabes", forte o suficiente "para abater os infelizes palestinos que obedeciam militarmente a essas estratégias". Consequentemente, "como os elementos revolucionários palestinos haviam conquistado o apoio de Khayati, eles também mereciam uma perspectiva mínima e uma advertência dele".⁵² Assim, a práxis revolucionária de Khayati entrava em contradição com

⁴⁵ Internationale Situationniste, *Deux guerres locales*, p. 22.

⁴⁶ Debord, *Œuvres*, pp. 1134-1144.

⁴⁷ Khayati, [Sem título] *apud* Dumontier, *Les situationnistes et mai 68*, p. 286.

⁴⁸ O Rei Hussein, cujo nome completo era Hussein bin Talal, foi um monarca jordaniano que governou o Reino Hachemita da Jordânia por um período excepcionalmente longo, de 1952 até sua morte em 1999.

⁴⁹ O "Setembro Negro" de 1970 aconteceu principalmente na cidade de Amã, capital da Jordânia, mas também atingiu outras regiões do país. A repressão do governo jordaniano liderado pelo Rei Hussein se voltava principalmente contra a OLP, liderada por Yasser Arafat, mas também atingiu organizações como a FPLP e a FDPLP de Khayati, que regressou à França para escapar justamente de tal repressão.

⁵⁰ Cf. Trespeuch-Berthelot, *Khayati, Mustapha*, s/p.

⁵¹ Debord, *Œuvres*, pp. 1136-1137.

⁵² Debord, *Œuvres*, p. 1137.

as posições resolutamente anti-estatais e internacionalistas da IS perante as lutas anticoloniais, posições as quais ele próprio tinha ajudado a construir, como vimos.

7. O lugar dos situacionistas nas lutas anticoloniais do seu tempo

Ao analisar as oposições à Guerra da Argélia em território francês, o sociólogo francês Pierre-Vidal Naquet as classificou em três "tipos-ideais", em sentido weberiano: os bolcheviques, os terceiro-mundistas e os dreyfusards. Estes últimos, foram aqueles intelectuais que defenderam o capitão Alfred Dreyfus após sua condenação, pela Terceira República Francesa, no ano de 1894, por um suposto crime de traição. Os dreyfusards denunciaram o antisemitismo do Estado francês, posto que o acusado tinha ascendência judaica. Já no contexto das oposições às guerras coloniais, a expressão designava uma recusa da política em nome da moral, na medida em que os libertários dreyfusards se negavam a separar o fim dos meios e, portanto, a aceitar o militarismo e a violência em nome da recusa à opressão colonial.

O historiador francês Sylvain Boulouque concluiu, em sua pesquisa sobre a oposição anarquista francesa às guerras coloniais (do imediato segundo pós-guerra até o início da década de 1960), que o campo libertário daquele país foi marcado por uma "polifonia interpretativa" sobre a questão.⁵³ Seu estudo demonstra como o "anticolonialismo libertário" francês que, a despeito de sua modesta influência sobre a opinião pública da época, desempenhou um papel ativo em algumas centrais sindicais e associações civis de defesa dos direitos humanos, mesclava características dos três tipos-ideais estabelecidos por Naquet em seu ensaio de 1986.

Se o anticolonialismo situacionista não apenas se diferenciava, mas sobretudo combatia as múltiplas formas de anticolonialismo de base nacionalista e socialista existentes na época, o mesmo vale para o campo anarquista-libertário, conforme evidencia a polêmica com Guérin sobre a natureza do regime ben-bellista. Deste modo, o anticolonialismo situacionista escapa à tipificação de Naquet e apresenta mais do que uma contribuição original e radical para as atuais lutas anticoloniais pela abolição do mundo da mercadoria e do espetáculo, suas divisões e separações. Além disso, apresenta uma alternativa teórica viável para desarmar a máquina das "guerras culturais" contemporâneas, decerto herdeiras do racismo e dos nacionalismos que, derivados da sociedade espetacular-mercantil, foram combatidos de forma coerente pelos situacionistas em sua época, tanto na teoria quanto na prática.

⁵³ Boulouque, *Les anarchistes français face aux guerres coloniales (1945-1962)*, p. 113.

Referências

- BAUMEISTER, Ruth. Gender and Sexuality in the Situationist International. In: HEMMENS, Alastair; ZACARIAS, Gabriel (orgs.). *The Situationist International. A Critical Handbook*. London: Pluto Press, 2020, pp. 118-138.
- BOULOUQUE, Sylvain. *Les anarchistes français face aux guerres coloniales (1945-1962)*. Lyon: Atelier de Création Libertaire, 2003.
- BRICIANER, Serge. *Pannekoek et les conseils ouvriers*. Paris: EDI, 1969.
- DAHOU, Mohamed. Le jeu psychogéographique de la semaine. In: INTERNATIONALE LETTRISTE. *Potlatch*, n. 1, 22 jun. 1954
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBORD, Guy. *Correspondance vol. 3 (1965-1968)*. Paris: Fayard, 2003.
- DEBORD, Guy. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 2006.
- DEBOUD, Guy-Ernest. *Les Luttes de Classes en Algerie*. Paris: Internationale Situationniste, 1965. Disponível em: <https://www.gonnelli.it/uk/auction-0046-1/debord-guyernest-les-luttes-de-classes-en-al.asp>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- DOLTO, Sophie; MOUSSA, Nedjib Sidi. The Situationists' Anti-colonialism: An Internationalist Perspective. In: HEMMENS, Alastair; ZACARIAS, Gabriel (orgs.). *The Situationist International. A Critical Handbook*. London: Pluto Press, 2020, pp. 103-118.
- DUMONTIER, Pascal. *Les situationnistes et mai 68: théorie et pratique de la révolution*. Paris: Ivrea, 1995.
- GRAEBER, David. *Direct Action: an Ethnography*. Oakland: AK Press, 2009.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista: teoria e prática da revolução*. Trad. Francis Guillaume e Leo Vinícius. São Paulo: Conrad, 2002.
- INTERNATIONALE LETTRISTE. *Potlatch (1954-1957)*. Paris: Gallimard, 1996.
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. *Internationale Situationniste (1958-1969)*. Texte intégral des 12 numéros de la revue. Paris: Fayard, 1997.
- M'PIKU, Joseph M'Belolo Ya. "Que devient l'avant-garde?. *L'art même*, n° 66, 2015.
- RASPAUD, Jean-Jacques; VOYER, Jean-Pierre. *L'International Situationniste*. Protagonistes, Chronologie, Bibliographie. Paris: Éditions Champ Libre, 1972.
- TRESPEUCH-BERTHELOT, Anna. Khayati, Mustapha. *Le Maitron. Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier et social*, 2 ago. 2018. Disponível em: <https://maitron.fr/spip.php?article138210>. Acesso em: 31 dez. 2023.

SOBRE O AUTOR

Erick Quintas Corrêa

Doutor (2021) em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara (UNESP/FCLAr), São Paulo, Brasil. Professor de sociologia, co-organizador dos livros *68: como incendiar um país* (São Paulo: Veneta, 2018) e *Insurgência Viral: autodefesa sanitária e despotismo ocidental* (São Paulo: Veneta, 2020). Colabora com publicações nacionais e internacionais, como *Passa Palavra* (Brasil-Portugal), *Lundimatin* (França) e *Brooklyn Rail* (Estados Unidos). E-mail: erick.q.correa@gmail.com.